



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS

ELIETE DE JESUS ALVES

**MODOS DE VIDA E AGROECOLOGIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA
RENASCIMENTO DOS NEGROS NO MUNICÍPIO DE IRAQUARA – BAHIA**

**AMARGOSA - BA
2022**

ELIETE DE JESUS ALVES

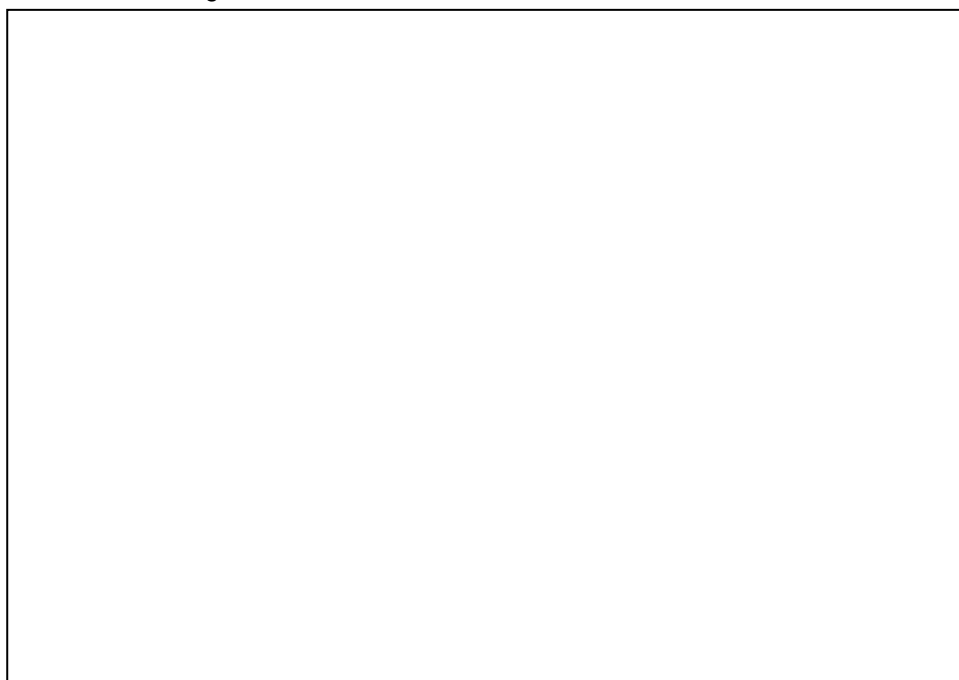
**MODOS DE VIDA E AGROECOLOGIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA
RENASCIMENTO DOS NEGROS NO MUNICÍPIO DE IRAQUARA – BAHIA**

Monografia apresentada ao Colegiado da Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no Centro de Formação de Professores, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo – Ciências Agrárias.

Orientador: Prof. Carlos Adriano da Silva Oliveira

**AMARGOSA - BA
2022**

Ficha Catalográfica:

A large, empty rectangular box with a thin black border, positioned below the text 'Ficha Catalográfica:'. This box is intended for the user to enter the bibliographic information for a catalog card.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Monografia apresentada por Eliete de Jesus Alves como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo – Ciências Agrárias, no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovada em 14 de dezembro do ano de 2022.

BANCA EXAMINADORA

PROF. CARLOS ADRIANO DA SILVA OLIVEIRA (ORIENTADOR)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

PROFa. MAÍRA LOPES DOS REIS

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

PROF. FRANKLIN PLESSMANN DE CARVALHO

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

PROF. RICARDO FERREIRA LIO NZUMBI DOS SANTOS JÚNIOR

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Dedico esse trabalho a minha família principalmente para a minha mãe minha guerreira, a qual tem me dado muito apoio durante todo esse processo de construção, e a todos que esse trabalho possa ajudar de alguma forma.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido essa oportunidade de ingressar em uma universidade Federal.

Agradeço a minha família, e todos que me ajudaram diretamente e indiretamente durante esse processo de aprendizado.

Agradeço aos meus colegas, a banca examinadora e ao professor e orientador Carlos Adriano da Silva Oliveira pela paciência e pelas orientações pois sem elas eu não teria chegado até aqui.

Agradeço também a todos os profissionais da educação que fizeram parte do meu processo de aprendizado desde o ensino básico até o meu ingresso a Universidade.

ALVES, Eliete de Jesus. **Modos de Vida e Agroecologia na comunidade Quilombola Renascimento dos Negros no município de Iraquara – Bahia.** Trabalho monográfico apresentado no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2022.

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso é fruto de uma pesquisa no curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Agrárias, no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB), campus Amargosa - BA. Também está vinculada com estudos no grupo de pesquisa Docência, Currículo e Formação (DOCFORM / UFRB / CFP), em especial a linha intitulada Educação no/do Campo, Identidades, Sujeitos, Textos e Contextos. A investigação teve como o objetivo analisar narrativas sobre os modos de vida e agroecologia em famílias camponesas da comunidade Quilombola Renascimento dos Negros no município de Iraquara – Bahia. Nesse processo problematizamos o cotidiano de trabalho, desenvolvimento e a relação dos modos de vida existentes com a dinâmica agroecológica. Para a realização do trabalho partimos de uma abordagem qualitativa, como instrumento de produção de dados a revisão de literatura e entrevistas com pessoas da comunidade. Dois eixos orientaram as entrevistas (1) modos de vida e existência quilombola e (2) agroecologia, trabalho e soberania alimentar. Como resultados, em síntese, anunciamos a importância de refletir sobre as experiências de organização coletiva advindas dos modos de vida quilombola (destaque a associações, articulações estaduais e nacionais, espaços coletivos que lutam por direitos); Importante investir em estratégias de valorização da identidade quilombola para fortalecer a comunidade; Investir na luta contra o racismo e nesse caminho fortalecer as experiências com a educação escolar quilombola, para garantir espaços de reconhecimento da nossa cultura; A importância de refletir sobre questões agrárias envolvendo meio ambiente, clima e como essas dimensões implicam na produção (fonte de renda) da comunidade de Renascimento dos Negros, desde as formas de plantio, oportunidades de trabalho e saúde da comunidade; Afirmar a herança agroecológica dos povos tradicionais (indígenas e quilombolas) como uma expressão de nossos modos de vida e trabalho junto a natureza, superando modelos convencionais de exploração (racista, capitalista, patriarcal) e as formas de desigualdades que geram exclusão.

Palavras-chave: Educação do Campo, Modos de Vida, Quilombolas, Agroecologia.

ALVES, Eliete de Jesús. **Modos de Vida y Agroecología en la comunidad Quilombola Renascimento dos Negros en el municipio de Iraquara - Bahia.** Trabajo monográfico presentado en el Centro de Formación de Profesores de la Universidad Federal de Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2022.

RESUMEN

El trabajo de conclusión del curso es el resultado de una investigación en la Licenciatura en Educación Rural con énfasis en Ciencias Agrarias, en el Centro de Formación de Profesores de la Universidad Federal de Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB), campus Amargosa - BA. También está vinculado a los estudios del grupo de investigación Enseñanza, Currículo y Formación (DOCFORM/UFRB/CFP), en particular la línea Educación en/desde el Campo, Identidades, Sujetos, Textos y Contextos. La investigación tuvo como objetivo analizar narrativas sobre modos de vida y agroecología en familias campesinas de la comunidad Quilombola Renascimento dos Negros en el municipio de Iraquara - Bahia. En este proceso, problematizamos el trabajo cotidiano, el desarrollo y la relación entre los modos de vida existentes y las dinámicas agroecológicas. Para la realización del trabajo se partió de un enfoque cualitativo, como instrumento de producción de datos, la revisión bibliográfica y entrevistas a personas de la comunidad. Dos ejes guiaron las entrevistas (1) formas de vida y existencia quilombola y (2) agroecología, trabajo y soberanía alimentaria. En consecuencia, en síntesis, anunciamos la importancia de reflexionar sobre las experiencias de organización colectiva surgidas de los modos de vida quilombolas (énfasis en el asociacionismo, articulaciones estatales y nacionales, espacios colectivos de lucha por los derechos); Es importante invertir en estrategias de valorización de la identidad quilombola para fortalecer la comunidad; Invertir en la lucha contra el racismo y de esta manera fortalecer experiencias con la educación escolar quilombola, para garantizar espacios de reconocimiento de nuestra cultura; La importancia de reflexionar sobre las cuestiones agrarias que involucran el medio ambiente, el clima y cómo estas dimensiones implican la producción (fuente de ingresos) de la comunidad Renascimento dos Negros, desde las formas de siembra, las oportunidades de trabajo y la salud de la comunidad; Afirmar el patrimonio agroecológico de los pueblos tradicionales (indígenas y quilombolas) como expresión de nuestras formas de convivir y trabajar con la naturaleza, superando los modelos convencionales de explotación (racista, capitalista, patriarcal) y las formas de desigualdad que generan exclusión.

Palabras clave: Educación Rural, Modos de Vida, Quilombolas, Agroecología.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

FIGURA 1	MAPA DOS MUNICIPIOS TERRITÓRIO DA CHAPADA DIAMANTINA ...	21
FIGURA 2	MAPA DA LOCALIZAÇÃO IRAQUARA BA	22
FIGURA 3	PONTO DE CULTURA ONDE SÃO REALIZADAS REUNIÕES DA ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES QUILOMBOLAS DO QUILOMBO RENASCIMENTO DOS NEGROS	27
FIGURA 4	COMUNIDADE QUILOMBOLA RENASCIMENTOS DOS NEGROS	28
FIGURA 5	IGREJA CATÓLICA DA COMUNIDADE SENHOR DO BOMFIM – COMUNIDADE QUILOMBOLA RENASCIMENTO DOS NEGROS.....	29
FIGURA 6 e 7	PRODUÇÃO DO CHUCHU E ANDU EM QUINTAIS NA COMUNIDADE DE RENASCIMENTO DOS NEGROS.....	50
FIGURA 8	PRODUÇÃO DA CEBOLA CONVENCIONAL	51
FIGURA 9 e 10	PLANTIO DO MILHO NA ROÇA SEQUEIRA E COLHEITA DO MILHO	51

TABELA 1	CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	18
TABELA 2	ROTEIRO DE QUESTÕES DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	19
TABELA 3	PROJETOS DA ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES QUILOMBOLAS DO QUILOMBO RENASCIMENTO DOS NEGROS (2014 – 2023)	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO METODOLÓGICO DO ESTUDO	17
2.1 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E DA COMUNIDADE	21
2.1.2 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE RENASCIMENTO DOS NEGROS ..	25
3. REFLEXÕES SOBRE OS MODOS DE VIDA E EXISTÊNCIA QUILOMBOLAS: O QUE DIZEM AS PESSOAS PARTICIPANTES DA PESQUISA?.....	30
3.1 MODOS DE VIDA E EXISTÊNCIA QUILOMBOLA.....	32
3.2 AGROECOLOGIA, TRABALHO E SOBERANIA ALIMENTAR.....	41
4. CONSIDERAÇÕES	53
5. REFERÊNCIAS.....	55

APÊNDICES

A – ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

B – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

1. INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso é fruto de uma pesquisa no curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Agrárias, no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB), campus Amargosa - BA. Também está vinculada com estudos no grupo de pesquisa Docência, Currículo e Formação (DOCFORM / UFRB / CFP), em especial a linha intitulada Educação no/do Campo, Identidades, Sujeitos, Textos e Contextos. A investigação teve como o objetivo analisar narrativas sobre os modos de vida e agroecologia em famílias camponesas da comunidade Quilombola Renascimento dos Negros no município de Iraquara – Bahia.

Aqui para conceituar o que se entende por quilombo, recorreremos a definição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Assim quilombo consiste em:

[...] I - os grupos étnico-raciais definidos por auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica; II - comunidades rurais e urbanas que: a) lutam historicamente pelo direito à terra e ao território o qual diz respeito não somente à propriedade da terra, mas a todos os elementos que fazem parte de seus usos, costumes e tradições; b) possuem os recursos ambientais necessários à sua manutenção e às reminiscências históricas que permitam perpetuar sua memória. III - comunidades rurais e urbanas que compartilham trajetórias comuns, possuem laços de pertencimento, tradição cultural de valorização dos antepassados calcada numa história identitária comum, entre outros (BRASIL, 2012, p. 3).

Diante do cenário, no estudo, nos inquietamos em pensar modos de vida a partir de leituras, experiências na universidade no curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias (CFP/UFRB). Existem várias apreensões para refletir sobre os modos de vidas e sua definição é polissêmica (BRAGA, FIUZA e REMOALDO, 2017), de maneira ampla incluem processos da vida cotidiana dos povos, seja ela nas florestas, na terra firme ou nas águas, ou seja, cada território tem formas de viver de acordo com o que é produzido na esfera social, política, histórica e culturalmente. Diante disso:

As pesquisas mais recentes sobre os modos de vida dão enfoque a dois aspectos, conforme aponta Guerra (1993). Por um lado, à análise da relação entre as diferentes práticas cotidianas, trabalho, vida familiar, consumo, lazer e etc. e, por outro lado, às relações que o conjunto dessas práticas cotidianas estabelece com as relações sociais mais gerais. Assim, os estudos ligados aos aspectos da vida cotidiana deveriam preocupar-se com o grau de consciência dos atores sobre a condução dos seus destinos, individuais ou coletivos. Deveriam, ainda, buscar a compreensão do nível de racionalidade e irracionalidade presente nas práticas sociais, seguindo tendências imersas na história da sociedade em questão (BRAGA, FIUZA e REMOALDO, 2017, p. 372),

Alinhado ao conceito e as questões sociais que envolvem os modos de vida, nos inquietamos em pesquisar essa lógica de consciência individual e coletiva no contexto da comunidade quilombola de Renascimento dos Negros, anteriormente conhecida como a Comunidade dos Morenos, no município de Iraquara – Bahia.

Outra reflexão relevante é a forma em que as pessoas de cada território levam as suas vidas cotidianas de acordo com o tempo e o espaço. Um exemplo disso é a disposição como cada comunidade, em especial os quilombolas, instituem uma relação de produção, respeito ao tempo e o espaço, conciliando a sua prática organizando os: (1) modos de vida e existência quilombola e (2) agroecologia, trabalho e soberania alimentar.

Diante disso, como justificativa, a entrada no curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias fomentou a pesquisa. Nas leituras, a relação com o modo de vida, nesse viés de olhar e respeitar o cotidiano, apresentou desafios pessoais que incidem no trabalho. Passo a descrever alguns pontos em primeira pessoa, como posição política.

Eu, Eliete de Jesus Alves, residente e domiciliada no Quilombo Renascimento dos Negros (antiga comunidade dos Morenos) filha de Nilzedete de Jesus Sousa e Manoel Alves de Souza, sou a terceira filha do casal. Mulher Negra, mãe de duas meninas Rafaela e Micaela. Comecei a estudar a partir dos meus sete anos de idade, sempre estudei em escolas públicas e tenho orgulho de falar que sou a primeira pessoa da família a ingressar no ensino superior, em uma Universidade pública, no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB), na cidade de Amargosa.

Sempre gostei de trabalhar na roça com os meus pais, e de me envolver em algumas ações que fazem parte do cotidiano na comunidade. Participei em grupos de jovens através do movimento da Igreja católica, apresentações teatrais nos tempos em que estudava na Escola municipal Julião de Souza Braga.

Com minha participação ativa na comunidade acompanhei todo o processo de formação e criação da associação de moradores, a Associação dos Remanescentes Quilombolas do Quilombo Renascimento dos Negros. A partir das experiências desse lugar fiquei sabendo que o Sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras, agricultores e Agricultoras familiares de Iraquara (STTRI) estava realizando inscrições do processo seletivo para o curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias. Nesse cenário abracei a oportunidade e ingressei no sonho. Na ocasião os argumentos eram que o curso atendia filhos e filhas de agricultores/as que não tiveram oportunidade de dar continuação aos estudos depois que concluíam a formação na educação básica.

Ingressei na Universidade no ano de 2016 a partir do processo seletivo através do sistema de cotas, outras pessoas da comunidade também concorreram, mas infelizmente nem todas conseguiram ocupar as vagas. Fui selecionada na segunda chamada para ingresso no curso e provoço sobre o direito a educação:

A partir da década de 60 os movimentos sociais e sindicais começaram a lutar de forma mais incisiva contra a lógica excludente historicamente existente no Brasil de uma educação como direito de poucos, enquanto que a maioria do povo brasileiro estava fora do acesso a este direito fundamental. O campo tornou-se importante referência de diferentes lutas e iniciativas de educação popular (educação política, formação de lideranças, alfabetização, formação sindical e comunitária), nas quais os movimentos sociais e sindicais organizados buscavam estimular e recriar uma compreensão de classe organizada, assim como desenvolver o sentimento de pertencimento desses povos a seus territórios e comunidades articulados na luta pelo acesso e posse da terra, pela garantia de políticas de moradia, emprego e renda, saúde integral pública e gratuita, educação do campo transporte, lazer, entre outras a essas articuladas (LUNAS e ROCHA, 2010, p. 17-18).

Ao acessar esse direito fundamental, me deparei com motivos para pesquisar o tema. A vida na comunidade está imersa na realidade do agronegócio, representada

especialmente pela produção irrigada de alimentos diversos. No momento em que tive contato com os assuntos sobre a agroecologia - um modo de produção que se contrapõe a lógica convencional capitalista representada pelo agronegócio – passei a refletir sobre os modos de vida que envolvem as dimensões de existência e trabalho.

Assim refletimos sobre a importância da resistência dos povos do campo e ampliamos a discussão sobre as concepções e os modelos de produção agrícola do agronegócio e da agricultura camponesa. Segundo Araújo (2019), no Brasil o agronegócio surge como elemento alternativo ao grande latifúndio, como forma de tirar a propriedade “lati fundista” a imagem negativa do trabalho escravo, do coronelismo, do clientelismo, da subserviência, da extrema concentração da terra e, sobretudo, do atraso político e econômico característico do campo brasileiro.

Ainda sobre esse argumento no texto, de acordo com Fernandes e Molina (2004), latifúndio está associado com terra que não produz, que deve ser utilizada para a reforma agrária. Assim o surgimento do agronegócio redime a imagem da grande propriedade como fator de concentração, expropriação e exclusão, para dar destaque e relevância ao caráter produtivista e de ampliação da produção e da riqueza por meio desse modelo que tem como grande aliado o uso das novas tecnologias. Tecnologias essas que acabam explorando a maioria da classe trabalhadora do campo e depois de algum tempo substituem esses trabalhadores por máquinas o que acaba provocando o êxodo rural das pessoas do campo para as grandes metrópoles por acreditarem que o campo não é lugar para se viver.

Entretanto o que tem ocorrido com frequência no contexto agrário brasileiro é aquelas pessoas que tem poder aquisitivo maior concentrando sob seu domínio as terras que antes pertenciam ao camponês para fazerem plantações nos moldes da Agricultura convencional e visando cada vez mais o lucro e o acúmulo deste mudando totalmente a forma de como era apropriada e utilizada a terra pelas pessoas que ali viviam. Vale enfatizar que ao venderem suas terras nem sempre os camponeses recebem um valor justo por elas e além disso esse processo de evasão do local onde moram ocorre de forma repentina e sem planejamento e na maioria dos casos estes não têm para onde ir por conta disso aceitam ficar como “empregados” nas terras que antes lhes

pertenciam e recebendo salários injustos se comparados a riqueza que é produzida pelas suas mãos.

Com isso a lógica do capital (perversa) vai cada vez mais ganhando força já que o mesmo tem a sua característica de usar a força de trabalho das classes dos menos favorecidos e se aproveitando cada vez mais da fragilidade dos mesmos. Isso implica nos modos de vida.

O Brasil é composto por uma população muito diversa. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pretos e pardos são a maioria no Brasil. Os dados mostram que a população que se declara preta representa 9,4%, e parda, 46,8%. Juntos, equivalem a 56,2% da população, enquanto os brancos são 42,7% (IBGE, 2019). Ainda de acordo com o IBGE, existem 305 etnias indígenas¹⁴ e mais de 800 mil ciganos. As comunidades quilombolas, por sua vez, estão presentes em todas as regiões do Brasil, de norte a sul, de leste a oeste, mantendo a luta histórica pela garantia dos seus direitos. Na atualidade são mais de 6 mil comunidades em todo o país (CONAQ e Terra de Direitos, 2018). Dessas, 3.432 comunidades quilombolas são certificadas pela Fundação Cultural Palmares,¹⁶ das quais pouco mais de trezentas têm seus territórios titulados. Segundo o IBGE, há presença quilombola em 1.672 dos 5.570 municípios brasileiros, ou seja, em cerca de 30,1% dos municípios brasileiros tem quilombos. Ainda de acordo com o IBGE, existem 5.972 localidades quilombolas no país (SILVA e SOUZA, 2021, p. 87).

Diante disso, de forma introdutória, percebe-se que mesmo que algumas famílias da comunidade trabalhem no regime de diárias em roças de irrigação, existe o contraponto também das famílias que plantam em seus quintais frutos e hortaliças voltados para a produção agroecológica.

A agroecologia é um modo de produção que dá ao trabalhador alternativas de sustentabilidade a qual permite-os a consumirem produtos de qualidade e que não agredem a natureza. Segundo Marinho (et al, 2017, p. 33) a Agroecologia se constitui na construção da transição e mudança de paradigmas entre formas de se fazer agricultura e modos de vida frente às complexidades socioambientais desafios postos ao desenvolvimento rural sustentável. Esse novo paradigma enquanto campo do conhecimento agroecológico emergente se constitui na diversidade metodológica e epistemológica em construção, recorrendo a uma abordagem transdisciplinar e holística em suas propostas investigativas e interventivas.

Nesse processo problematizamos o cotidiano de trabalho, desenvolvimento e a relação dos modos de vida existentes com a dinâmica agroecológica. Como questão de pesquisa indicamos: Quais as narrativas sobre os modos de vida e agroecologia em famílias camponesas da comunidade Quilombola Renascimento dos Negros no município de Iraquara – Bahia?

Como dito anteriormente, o objetivo geral do estudo é analisar narrativas sobre os modos de vida e agroecologia em famílias camponesas da comunidade Quilombola Renascimento dos Negros no município de Iraquara – Bahia. Os objetivos específicos apontam: 1) Refletir acerca das categorias modos de vida e agroecologia; 2) problematizar as narrativas dos sujeitos sobre modos de vida e agroecologia na comunidade quilombola de Renascimento dos Negros, Iraquara – Bahia.

Para a realização do trabalho partimos de uma abordagem qualitativa, como instrumento de produção de dados a revisão de literatura e entrevistas com cinco integrantes da comunidade. Dois eixos orientaram as entrevistas (1) modos de vida e existência quilombola e (2) agroecologia, trabalho e soberania alimentar. O critério de seleção das famílias está ligado à sua representatividade e atuação comunitária.

Como fundamentação teórica utilizamos referências sobre o debate dos modos de vida, agroecologia, bem como textos sobre a organização e vida em comunidades quilombolas. Destacamos especialmente autores como: Arruti (2008; 2009), Santos (2017), Givânia Silva e Barbara Souza (2021), Olindina Nascimento (2020), dentre outras.

Em termos de estrutura, o trabalho de conclusão de curso desenvolve-se, após a introdução em um capítulo metodológico, discutindo os caminhos e caracterizando o lugar da pesquisa. No capítulo que segue debatem-se a escuta dos participantes da pesquisa, enfatizando a existência em comunidades quilombolas e seus desafios, bem como a relação com agroecologia, trabalho e soberania alimentar. Por fim, faremos considerações sobre a investigação.

2. CAPÍTULO METODOLÓGICO DO ESTUDO

Como afirmamos na introdução, a investigação teve como o objetivo analisar narrativas sobre os modos de vida e agroecologia em famílias camponesas da comunidade Quilombola Renascimento dos Negros no município de Iraquara – Bahia. Essa seção descreve a metodologia da pesquisa, destacando o princípio qualitativo e o instrumento de produção de dados – entrevista semiestruturada -, caracterizando os participantes e o lugar da pesquisa.

Arilda Godoy (1995) em seu artigo traz a concepção do que hoje denominamos estudos qualitativos, afirmando que a mesma surgiu a partir do século XIX:

O estudo sociológico de Frédéric Le Play (1806-1882) *Les ouvriers européens*, publicado em 1855, sobre as famílias das classes trabalhadoras da Europa, pode ser citado como uma das primeiras pesquisas a usar a observação direta da realidade. A partir dos dados coletados em inúmeras viagens que realizou pela Europa, Le Play desenvolveu uma série de monografias de famílias "típicas" da classe trabalhadora, identificadas entre pessoas que exerciam determinadas ocupações. Do ponto de vista metodológico, ele inovou ao desenvolver um estudo comparativo dessas monografias (GODOY, 1995, p.59).

Nesse sentido espera-se que a pesquisa qualitativa direcione um caminho metodológico para chegar ao conhecimento de como os modos de vida e a agroecologia estão presentes no contexto social da comunidade. Ainda sobre a pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa responde a questões particulares. Ela se ocupa, nas ciências sociais, com nível e realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das inspirações das crenças. Dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhado com seus semelhantes. (MINAYO, 2009, p.21).

Diante disso a pesquisa qualitativa possibilita uma relação dialógica contemplando significados, motivos pautados nos valores e atitudes, analisadas a partir do depoimento dos participantes e, respeitando o espaço cultura e principalmente o

conhecimento dos mesmos, portanto a investigação orientou-se por um roteiro de entrevista semiestruturado para organizar a sistemática da ação e favorecer a interpretação da experiência, levando em conta o objetivo do estudo.

Nas entrevistas, levantamos a caracterização dos participantes, que segue na tabela ilustrada abaixo:

Tabela 1: Caracterização dos participantes da pesquisa

Nome Fictício	Idade	Cor/Raça	Profissão	Comunidade Rural
CARDEAL	39 anos	Pardo	Lavrador	Renascimento dos Negros
DANDARA	29 anos	Preta	Lavradora	Renascimento dos Negros
FELICIDADE	62 anos	Negra	Lavradora	Renascimento dos Negros
BESOURO	55 anos	Preto	Lavrador	Renascimento dos Negros
ANDORINHA	30 anos	Preta	Lavrador	Renascimento dos Negros

Fonte: Adaptação - Pesquisa de Campo Eliete Alves, 2022.

Os participantes da pesquisa são lavradores (as) com idade entre 29 a 62 todos, e todas vivem da agricultura familiar, e de programas sociais do governo Federal, durante a entrevista três pessoas se autodeclararam serem pretos, uma se declarou Negra e outra se auto declarou pardo. Na investigação garantimos os princípios éticos de pesquisa com seres humanos em comum acordo, com consentimento das pessoas entrevistadas assinada em termo (apêndice). Utilizamos nomes fictícios a mediação da entrevista foi orientada pelo roteiro de questões abaixo.

Tabela 2: Roteiro de questões da entrevista semiestruturada

QUESTÕES	OBJETIVOS
1. Fale um pouco sobre você? (Nome, quanto tempo reside na Comunidade? O que acha da Comunidade?)	Questões de ambientação e caracterização
2. Fale um pouco sobre sua família? (Qual a relação de seus pais e avós com a comunidade?) Em que trabalhavam?	Questões de ambientação e caracterização / Refletir sobre modos de vida e existência quilombola
3. Como você descreve a oportunidade de viver em uma comunidade quilombola? Favor comente.	Questões de ambientação e caracterização/ Refletir sobre modos de vida e existência quilombola
4. O que considera como principal ponto positivo na comunidade?	Refletir sobre os modos de vida e existência quilombola
5. Se tivesse que destacar o principal desafio de viver na comunidade, qual seria? Favor comente	Refletir sobre modos de vida e existência quilombola
6. Qual a sua principal fonte de renda? Fale um pouco sobre seu trabalho/profissão. Você exerce alguma atividade que tenha relação com a agricultura? Comente.	Refletir sobre modos de vida, agroecologia, trabalho e soberania alimentar
7. Em sua opinião, o que destacaria sobre a agricultura e a alimentação na comunidade?	Refletir sobre modos de vida, agroecologia, trabalho e soberania alimentar
8. Como descreveria a realidade de trabalho na comunidade? Favor comente.	Refletir sobre modos de vida, agroecologia, trabalho e soberania alimentar
9. Em sua opinião, ainda sobre o trabalho: Quais os pontos positivos e os principais desafios?	Refletir sobre modos de vida, agroecologia, trabalho e soberania alimentar
10. Gostaria de comentar algo que não estava em destaque em nossa conversa?	Questão complementar

Fonte: Adaptação - Pesquisa de Campo Eliete Alves, 2022.

Após indicar o roteiro e os objetivos de cada questão, importante dizer das sensações enquanto pesquisadora que circularam no momento da entrevista. O principal sentimento foi de entusiasmo e a percepção de realizar uma ação única, vivida naquele momento. A sensação descrita aproximada e mobilizada também com o objetivo da pesquisa e o diálogo com participantes.

Para Queiroz (1988), a entrevista semiestruturadas é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conservação continuada entre informante e pesquisador e que deve

ser dirigida por este de acordo com seus objetivos. Desse modo a entrevista semiestruturada ajuda o pesquisador a desenvolver a pesquisa e chegar a resultados concretos baseados nas hipóteses que fez sobre aquele determinado assunto.

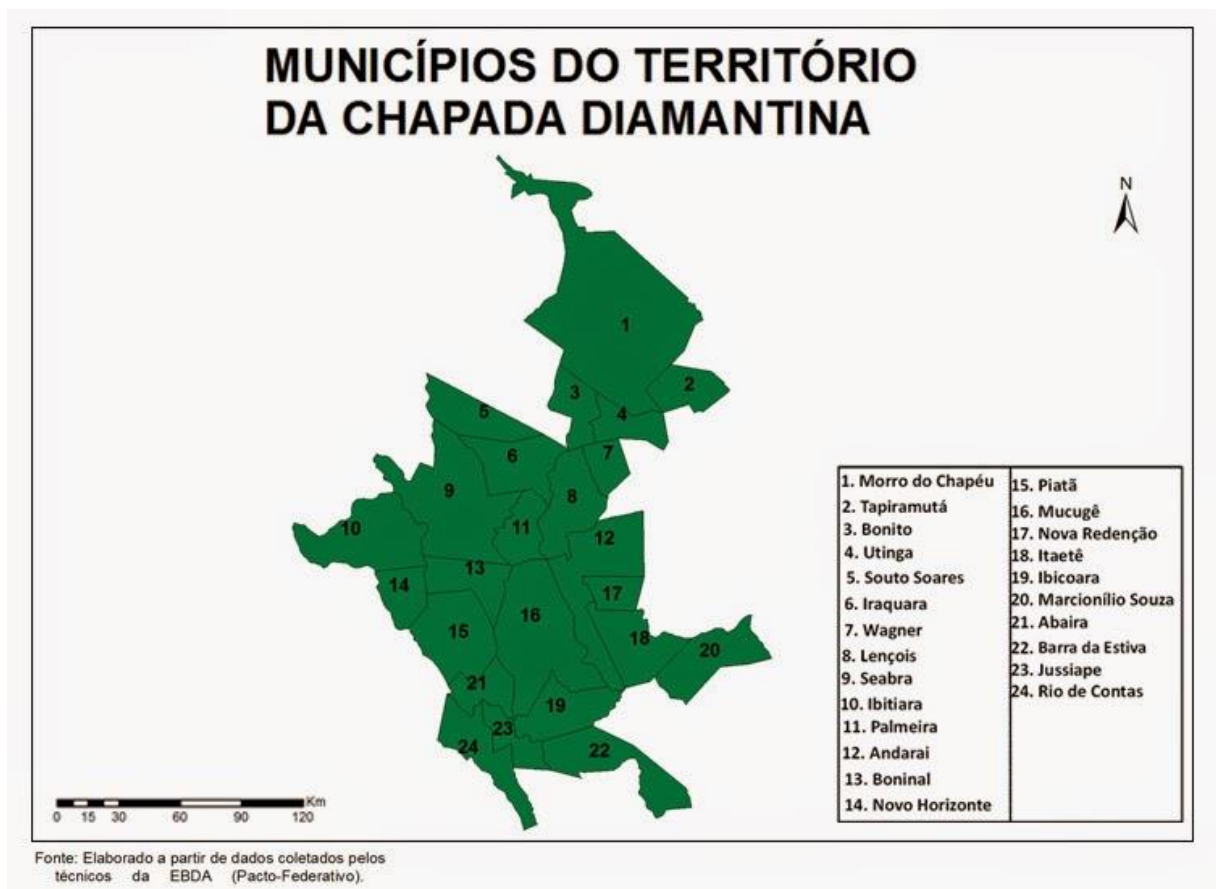
Segundo Manzini (1990/1991, p. 154) a entrevista semiestruturada focalizada em um assunto sobre qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes as circunstâncias a entrevistas. Sendo assim, na entrevista semiestruturada é possível o entrevistador usar o método de fazer uma outra pergunta encima da questão colocada.

Em diálogo com os objetivos de estudo, afirmamos que o levantamento de dados é um apanhado geral revestido de importância, por ser capaz de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. Aqui, pensar os modos de vida em comunidades quilombolas está vinculado a uma tarefa política de valorização e reconhecimento da identidade.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E DA COMUNIDADE

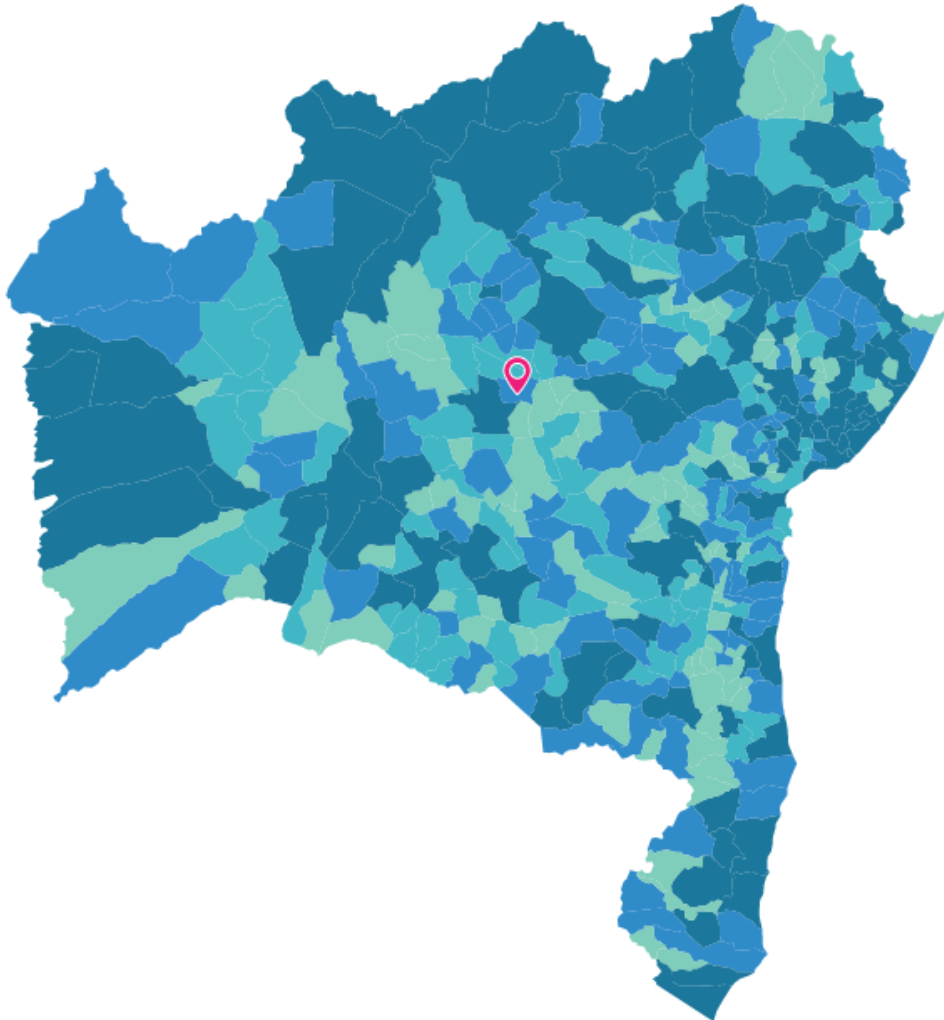
O município de Iraquara está localizado na microrregião da Chapada Diamantina e possui uma grande quantidade de grutas, cachoeiras e cavernas, sendo grande parte aberto ao público. Segue mapa dos municípios que compõe o território:

Figura 1: Mapa dos Municípios do Território da Chapada Diamantina



A cidade de Iraquara, também conhecida como capital nacional das grutas e cavernas, está situada na microrregião da Chapada Diamantina, Bahia. Seu povoamento se deu com o declínio da cana-de-açúcar e início do ciclo do ouro, no Brasil. Assim como tantos, passou pelos mandos e desmandos dos “coronéis”. O município está situado no “coração” geográfico da Chapada Diamantina, com uma área de 922 km², altitude de 700m, ao nível do mar, a 470 km de distância da capital.

Figura 2: Mapa Localização Iraquara – Bahia



FONTE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/iraquara/panorama>

A cidade começa a ser povoada quando o senhor Manoel Félix descobre um poço de água limpa, o qual ficou conhecido como o poço de “Manoel Félix”, primeiro nome que recebeu a cidade que hoje é Iraquara. A partir daí o próprio Manoel e outras famílias começaram a viver perto do poço, construindo casas, fazendo roças. O município atualmente possui cerca de 68 comunidades rurais, destas 5 são comunidades remanescentes de quilombo, onde vivem aproximadamente 595 famílias que corresponde a 2001 pessoas segundo levantamento dos Agentes de Saúde do

município. Segundo o IBGE (2017) a economia do município se dá principalmente por aposentadorias, beneficiários do Bolsa Família e Agricultura Familiar. Dessa forma, a Agricultura Familiar em suas lavouras permanentes, conta com a produção de banana, café e sisal e nas lavouras temporárias tem as plantações de cana de açúcar, mandioca e milho, na pecuária o município tem a criação de bovino, suíno, caprino e na avicultura, codornas, galinhas etc.

Discorrendo em torno dos aspectos Ambientais, Sociais e Econômicos do município, identificamos:

Aspectos ambientais:

Iraquara está localizada predominantemente no bioma Caatinga, por ser área de transição, tem presença também, da Mata Atlântica e Serrado.

Aspectos sociais:

O município conta com população estimada de 25.297 habitantes com a densidade de população de 25,49 hab./km², a taxa de crescimento geométrico entre 2,11% ao ano, desses habitantes 50,02% são do sexo feminino e 49,8% são do sexo masculino. Sendo o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-IDHM de 0,599. Na área da educação, a taxa de alfabetização da população com 10 anos ou mais é de 84,20%, com isso a taxa de pessoas com 25 anos ou mais com ensino superior completo é de 2,39%. (IBGE, 2017)

Aspectos culturais:

O município conta com diversas manifestações culturais. Aponta-se o terno de reisado, capoeira de angola, roda de samba, procissões religiosas, agricultura tradicional, e principalmente as festas juninas. Considerável destacar a fogueira em pé e as fogueiras deitadas, nas quais historicamente famílias não deixam de celebrar no mês de Junho. E na culinária e bebida típica. Iraquara se destaca pela feijoada,

bolo de milho, bolo de fubá, rapadura, pamonha, mel da cana, pinga, quentão, licor, etc.

Aspectos econômicos:

Segundo o IBGE (2017) a economia do município se dá principalmente pela Agricultura Familiar, aposentados, e de beneficiários do Bolsa Família. Dessa forma, a Agricultura Familiar em suas lavouras permanentes, conta com a produção de banana, café e sisal. E na lavoura temporária tem as plantações da cana de açúcar e mandioca. Na pecuária o município tem a criação de bovino, suíno, caprino e na avicultura codornas, galinhas etc.

Aspectos educacionais:

Sobre a educação no contexto da pesquisa, segundo o IBGE (2010), a taxa de escolarização de Iraquara, considerada a faixa de 6 a 14 anos, é de **99,1%**. A cidade possui 20 escolas vinculadas ao ensino fundamental e 3 voltadas para o nível médio. São 3.757 estudantes matriculados no ensino fundamental e 1.256 no ensino médio.

2.1.2 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE RENASCIMENTO DOS NEGROS

A comunidade Renascimento dos Negros (os Morenos) fica localizada a 10 km da sede da cidade de Iraquara – BA, tem uma população de aproximadamente 200 pessoas e 60 famílias, as quais vivem da agricultura familiar e de programas do governo como auxílio Brasil e aposentadoria. A mesma está situada no bioma caatinga no semiárido e Brasileiro, e, as famílias plantam em suas roças as culturas do feijão, milho, mamona, e mandioca além de frutos e hortaliças que são produzidos em seus quintais.

Relatos orais de moradores mais antigos da comunidade foram levantados para caracterização da comunidade. Segundo moradores, a mesma se formou por meados dos anos 1990 através de *pessoas que vieram em busca de terras férteis para prática da agricultura*. Os relatos de desafios eram sanados pela esperança de *conseguir um lugar que tivesse ao menos acesso a água*. Relatos falam que esse foi o principal critério de povoamento, lugares que haviam tanques a terra era fértil.

Desse modo os primeiros moradores que aqui chegaram, João Tertuliano de Souza e Sebastiana Rosa vieram do município de Seabra da região do *baixão velho*. Houve uma época em que a comunidade era conhecida como rua dos *duardos* por que havia um senhor que se chamava Eduardo e era o morador mais antigo da comunidade. Após o nome *Duardos* a mesma recebeu o nome de rua dos negros, por ter a maioria da população de cor negra.

Com o passar do tempo um guarda da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM)¹ que na época estava visitando as famílias da comunidade no combate da doença do barbeiro perguntou a uma senhora qual era o nome da comunidade. A senhora respondeu que o nome da comunidade era rua dos negros, ele falou rua dos negros? Fruto da lógica racista e da política de embranquecimento

¹ A SUCAM, Superintendência de Campanhas de Saúde Pública, se devota ao combate às grandes endemias, sendo essencialmente órgão executivo, de campo. Em 1991, então considerada o órgão público de maior presença nas áreas rurais do Brasil, a Sucam acabou extinta, depois do combate a endemias como doença de Chagas, malária, esquistossomose e febre amarela.

forçado, o servidor falou que a comunidade iria passar a se chamar de comunidade dos *morenos*. Esse nome fictício foi incorporado pela comunidade durante muitos anos.

Por ser uma comunidade esquecida pelo poder público os moradores tentaram diversas vezes articular formas de auto organizar suas pautas. Dentre elas, fundar uma associação de moradores para que pudessem ser visibilizados e ter acesso as políticas públicas. Mas as tentativas não deram muito certo, até que um dia participando de uma conferência municipal de educação do município houve um fato curioso, foi sabido que a escola Municipal Julião de Souza Braga – situada na comunidade de Lagoa Seca - estava recebendo uma verba exclusiva para a merenda escolar porque a mesma atendia alunos que provavelmente eram pertencentes das comunidades remanescentes de quilombo.

Daquela época em diante já tiveram várias pessoas que vinham para a comunidade com o intuito de certificar a mesma como quilombola através da secretaria de cultura do município. Diante disso a história da comunidade chegou ao conhecimento de uma das pessoas que na época era funcionário da secretaria de Educação e que tinha o acesso ao plano municipal. Ao saber da situação ele resolveu ir conhecer a comunidade e a partir daí começou a dar aulas voluntarias de capoeira com o intuito de fortalecer a cultura da comunidade.

Desse modo, foram mobilizados esforços, que culminaram na vinda de um advogado de Salvador para ver o estatuto antigo e o mesmo disse que aquele estatuto precisava ser refeito pois estava com o nome de Associação Renascente dos Morenos e primeiro porque segundo ele: “Morenos se reporta a cor de cabelo”. Naquele mesmo dia houve uma assembleia, foi eleito um uma nova diretoria a qual foi composta por 10 membros. Dessa forma o mesmo chamou a atenção para que o nome da associação fosse alterado para Associação dos Remanescentes Quilombolas do Quilombo Renascimento dos Negros e que com esse nome ficaria mais fácil de reconhecer a comunidade como remanescente de quilombo, facilitaria também conquistar projetos através de editais diretamente do governo federal, e principalmente a reafirmação dos sujeitos da comunidade como uma questão de autoafirmação do povo enquanto negros. A comunidade foi certificada pela fundação

cultural palmares em 04-04-2013 atualizada até a PORTARIA Nº- 104/2016, publicada no DOU de 20/05/2016, mas ainda não possui o título da terra.

Nesse sentido, como pesquisadora, aponto que a mudança do nome da comunidade para *Renascimento dos Negros* já surge e nos remete como uma questão de autoafirmação dos sujeitos como quilombolas e o início de uma nova forma de enxergar a questão quilombola enquanto fonte de luta contra o racismo e desmistificação da identidade negra desvalorizada que foram impregnadas a muito tempo ao longo da história dos sujeitos envolvidos.

Segundo Arruti (2008) o artigo 68 da constituição Federal de 1988 do ato das disposições constitucionais e transitórias (ADCT), a norma estabelecida diz que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras e reconhecida a popularidade definitiva, devendo o estado emitir-lhe os títulos respectivos. Abaixo registros fotográficos da comunidade.

Figura 3: Ponto de cultura onde são realizadas reuniões da associação dos remanescentes Quilombolas do Quilombo Renascimento dos Negros (2022)



Fonte: Pesquisa de Campo Eliete Alves, 2022.

No registro acima é importante destacar que esse espaço foi erguido inicialmente com a intenção de implantar uma escola dentro da comunidade, com duas salas de aulas. Tratou-se de promessas realizadas durante campanhas políticas de candidatos que pretendiam ganhar votos da população. Infelizmente a proposta da construção da escola não foi concretizada. No entanto, com a ausência de um espaço apropriado para desenvolver atividades da organização coletiva / associação, uns dos membros da associação solicitou a prefeitura do município de Iraquara, o uso do espaço para desenvolver as reuniões e atividades da mesma.

Dessa forma a associação quilombola vem desenvolvendo ações que tem beneficiado a comunidade através de editais do governo federal os quais já houve cursos de educação patrimonial, associativismo, curso de inclusão digital, dentre outros. O projeto Bahia produtiva que beneficiou algumas famílias da comunidade, e recentemente foi contemplada com o quilombo produtivo é um projeto que fortalece cada vez mais o desenvolvimento da agricultura familiar como contraponto ao viés convencional.

Figura 4: Comunidade Quilombola Renascimento dos Negros (2022)



Fonte: Pesquisa de Campo Eliete Alves, 2022.

No registro acima podemos analisar/observar que a comunidade se encontra carente de políticas públicas que atenda a necessidade da população. A exemplo disso destaca-se falta de manutenção nas estradas da comunidade, esporte, lazer, saúde, cultura, educação.

Figura 5: Igreja católica da comunidade Senhor do Bomfim – Comunidade Quilombola de Renascimento dos Negros (2022).



Fonte: Pesquisa de Campo Eliete Alves, 2022.

A imagem acima tem um valor simbólico para a Comunidade. Registramos que parte expressiva da comunidade de Renascimento do Negros participa das experiências vinculadas a Igreja Católica na Comunidade que se destaca como percursora no processo de desenvolvimento e mobilização do local a partir das celebrações de seu padroeiro o Senhor do Bomfim. A experiência de celebrar o *trido* em homenagem ao santo acontece anualmente entre os dias 25, 26, 27 e 28 de abril com encerramento da missa festiva. Para além disso, encontra-se na comunidade Renascimento dos Negros pessoas que frequentam a igrejas evangélicas e religião de matriz africana.

Importante salientar que existem contradições de ordem do reconhecimento da identidade negra na comunidade, na condição de moradora vivencio a resistência de alguns moradores em aceitarem a identidade quilombola. Em contraponto a esse cenário de contradição, alertamos que através da certificação da comunidade como quilombola os projetos desenvolvidos abriam novos horizontes possibilitando o ingresso de jovens da comunidade nas universidades, que no total já conta com quatro estudantes aproximando da conclusão dos cursos em ensino superior.

Após a caracterização do lugar da pesquisa, passamos a refletir sobre os modos de vida e existência quilombolas. Nesse momento destacamos transcrições das entrevistas e reflexões aproximadas a práticas de agroecologia, trabalho e soberania alimentar no contexto da pesquisa.

3. REFLEXÕES SOBRE OS MODOS DE VIDA E EXISTÊNCIA QUILOMBOLAS: O QUE DIZEM AS PESSOAS PARTICIPANTES DA PESQUISA?

A investigação em curso teve como o objetivo analisar narrativas sobre os modos de vida e agroecologia em famílias camponesas da comunidade Quilombola Renascimento dos Negros no município de Iraquara – Bahia. Ao longo do texto, após a introdução, informações sobre a metodologia e caracterização do lugar da pesquisa, passamos a refletir sobre as entrevistas realizadas no processo.

Em linhas gerais, importante trazer uma síntese que precede transcrições das entrevistas, lembrando que utilizamos nomes fictícios para garantir o sigilo e os princípios éticos exigidos com a pesquisa envolvendo depoimentos de seres humanos. Sobre a entrevista com *Cardeal*, trata-se de um participante do sexo masculino, nasceu em 1983, autodeclarou-se como pardo e reside na comunidade de Renascimento dos Negros a 10 anos, é lavrador e exerce essa função desde os seus 12 anos de idade. *Dandara* é do sexo feminino e nasceu no ano de 1993, autodeclarou-se como *preta perfeita* e reside na comunidade desde quando nasceu, é lavradora e exerce essa função desde os seus 15 anos de idade.

Entrevistamos também *Felicidade*, que é do sexo feminino nasceu em 1960 e reside na comunidade a 62 anos. Trabalha como lavradora exerce a profissão desde os 10 anos. Outra entrevista com *Besouro*, do sexo masculino nasceu em 1967, autodeclarado como preto e reside na comunidade desde quando nasceu, exerce a função de agricultor. E por fim a entrevista com *Andorinha*, sexo feminino nasceu em 1992, autodeclarada preta e reside na comunidade desde quando nasceu. Trabalha como lavradora e exerce a função desde os 12 anos de idade.

As pessoas entrevistadas são lavradoras com idade entre 29 a 62 anos todos, e todas vivem da agricultura familiar, e de programas sociais do governo Federal, durante a entrevista três pessoas se autodeclararam serem pretos, uma se declarou negra e outra se autodeclarou pardo. Politicamente, as pessoas entrevistadas integram a categoria negro.

Aqui problematizamos modos de vida existentes da comunidade, o cotidiano de trabalho, envolvimento e a relação dos sujeitos com a dinâmica agroecológica. Como

descrito na metodologia, para a realização do trabalho partimos de uma abordagem qualitativa, como instrumento de produção de dados a revisão de literatura e entrevistas com cinco pessoas da comunidade. Dois eixos orientaram as entrevistas (1) modos de vida e existência quilombola e (2) agroecologia, trabalho e soberania alimentar, que descrevemos e analisamos na sequência.

3.1 MODOS DE VIDA E EXISTÊNCIA QUILOMBOLA

Nesta subseção refletimos sobre modos de vida e existência na Comunidade Quilombola de Renascimento dos Negros por meio de fragmentos que destacamos nas entrevistas. Assim, quando perguntados sobre a oportunidade de viver em uma comunidade quilombola, os entrevistados indicam que:

Gosto muito de viver nessa comunidade. Meus pais não são daqui, mas falam que gostariam de vir morar aqui. Eles sempre trabalham na roca plantavam café, mandioca, a forma de plantio era manual. A oportunidade de viver em uma comunidade quilombola é muito boa, não tenho o que reclamar. Tem muitas oportunidades, e graças a deus é bom demais. Uma das coisas positivas que eu destaco na comunidade é a união do povo, é um povo unido (ENTREVISTA COM CARDEAL, 2022).

De acordo com a fala de Cardeal as pessoas da comunidade são unidas, porém as mesmas lutam em prol do desenvolvimento da comunidade na medida do que podem, e da maneira em que estiver no alcance dos mesmos. Um dos exemplos de união foi a criação da associação quilombola na comunidade, e essa ação entre os moradores tem trazido projetos muito bons para os mesmos.

Diante disso os projetos desenvolvidos através da Associação Quilombola contribuem muito para o desenvolvimento da comunidade, e são executados de forma coletiva, o que vem fortalecendo a união das pessoas contempladas.

Segundo Schmitt (2010, p. 55), as populações urbanas em situação de pobreza, camponeses e agricultores familiares, indígenas, negros, mulheres, grupos aos quais por vezes se faz referência de forma genética como os “pobres” ou “marginalizados”,

situam-se entre os mais vulneráveis, com níveis de exposição que variam segundo sua região de origem, mas, também de acordo com as redes sociais que são capazes de mobilizar na reprodução dos seus modos de vida. Políticas mitigadoras, a depender de sua orientação, poderão, inclusive, agravar as profundas desigualdades existentes entre grupos sociais no acesso à informação, poder político, e recursos. Vulnerabilidade, adaptação e mitigação são conceitos políticos, sujeitos a múltiplas formas de interpretação e operacionalização.

Dessa forma, contrapondo a essa realidade de políticas mitigadoras, os moradores da comunidade Renascimento dos Negros registram sua atuação coletiva e produzem a partir de suas vivências as articulações que desejam. No cotidiano percebem a necessidade de fundar uma associação comunitária para facilitar o acesso a políticas públicas e concorrência em editais visando fazer esse movimento de reparação diante do que a comunidade sofre a muito tempo, por ser excluída das políticas públicas municipal e federal.

Segundo o artigo primeiro do estatuto social da Associação dos Remanescentes Quilombolas do Quilombo Renascimento dos Negros (ARQRN), fundada em 25 de Julho de 2009, com sede e foro na cidade de Iraquara/Bahia, localizada no povoado Renascimento dos Negros (antiga comunidade dos Morenos), S/N - Zona Rural-Iraquara/Bahia – CEP: 46.980-000 é uma associação quilombola de direito privado, sem fins lucrativos, de caráter assistencial, social, educacional e cultural, que tem por objetivo promover ações educativas, culturais, promoção social, e melhoria da qualidade de vida dos povos quilombolas da região, voltada para grupos quilombolas socialmente excluídos, com especial atenção para crianças e adolescentes quilombolas em situação de risco social, mulheres quilombolas chefes de família, adultos desempregados e idosos, sem preconceito ou discriminação de raça, cor, gênero, opção sexual ou convicções políticas, filosóficas, partidárias ou religiosas, seja no cumprimento de suas atividades ou entre os componentes de seu quadro de sócios, os quais são em número ilimitado e não respondem solidaria ou subsidiariamente pelas obrigações contraídas pela entidade, que tem tempo de duração por prazo indeterminado e será regida por este estatuto, pelos regimentos baixados pela presidência, Diretoria Executiva e disposições legais vigentes.

Presente também em diversos outros grupos sociais, o modo de viver quilombola contrapunha-se a ordem latifundiária e monocultora colonial, regida pela lógica da acumulação desigual de riquezas, na qual terra, natureza e gente eram transformadas em mercadoria. Com o fim do escravismo colonial, o termo quilombola foi adquirindo outros significados, que devem ser contextualizados historicamente.

Podemos descrever as conquistas originárias da organização coletiva apontando projetos e ações. A associação dos remanescentes quilombolas do Quilombo Renascimento dos Negros se torna importante para fortalecimento da comunidade e da luta coletiva, ao qual vem desenvolvendo projetos que foram conquistados pela mesma. dentre esses projetos destacam – se:

Tabela 3: Projetos da Associação dos Remanescentes Quilombolas do Quilombo Renascimento dos Negros (2014 – 2023)

Ação	Ano
Projeto festival de cultura dos quilombos	2014
Projeto ponto de cultura viva quilombo	2014 – 2017
Projeto curso de associativismo e empreendedorismo negro	2016
Projeto capacitação profissional; Curso pré-vestibular para jovens; Curso futebol infantil para crianças quilombolas	2017
Projeto seminário da justiça e dos direitos do povo negro e quilombola	2018
Projeto segurança alimentar e geração de renda do programa Bahia produtiva no Renascimento dos Negros	2019 – 2023
Projeto quilombo produtivo agroecológico	2022

Fonte: Elaboração de Eliete Alves

Os registros acima são de vital importância. Apontamos esse cenário de fazer destaques aos projetos e ações para desenvolvimento como potentes na luta pelo fortalecimento da comunidade.

Desse modo, considerando o quilombo como território de resistência, os sujeitos da comunidade estando organizados poderão acessar a esses direitos através da união

dos mesmos. Segundo Givânia Silva e Bárbara Souza (2021), cabe ao Estado brasileiro assegurar a sua população, e às comunidades quilombolas, os direitos básicos e a atenção à saúde, de forma a efetivar políticas públicas qualificadas para a redução das desigualdades estruturais que atingem negros, mulheres, indígenas de forma mais determinante, ainda mais agravadas pelos efeitos da pandemia.

Outra entrevistada indica aponta questões sobre viver na comunidade:

Não conclui o meu ensino médio todo. Só fiz até o segundo ano, mas, o fundamental eu conclui todo. Pretendo terminar um dia se assim deus me permitir, e tenho vontade de ser uma enfermeira obstetra se deus permitir também que, eu não sei também ne que tudo é de acordo com a vontade de Deus, e a minha comunidade dá para ficar aqui de boa, é sossegado cada um no seu quadrado, ninguém importuna ninguém, e por aí a gente vai levando a vida. A oportunidade de viver em uma comunidade quilombola é muito boa, principalmente em relação a projetos, falar a verdade. Eu mesmo até hoje estou esperando, eu acho que vou conseguir minha cisterna. Coloquei meu nome e tudo e espero que eu seja contemplada aqui. É muito fácil receber os projetos, não demora muito, e eu gosto.

(ENTREVISTA COM DANDARA, 2022)

Pensando no depoimento de Dandara, refletimos sobre formação. No Quilombo Renascimento dos negros não tem escola, sendo que as pessoas vão estudar na comunidade vizinha. O grau de escolaridade dos sujeitos varia, mas em sua grande maioria tem casos de jovens que deixaram de estudar para se dedicarem ao trabalho no intuito de conseguir recursos para manter cada vez mais o sustento das suas famílias, e também a casos de pessoas que não foram alfabetizadas.

As tentativas de implantar a Educação de Jovens e Adultos (EJA) foram diversas, isso devido a rotina de trabalho das pessoas da comunidade e da quantidade de alunos reduzida, a EJA foi interrompida, mas apesar das dificuldades enfrentadas como pessoa nascida e criada na comunidade tem-se esperança de um dia essas pessoas que não concluíram os estudos do ensino básico possam ter novamente a oportunidade de pleitearem esse direito que é fundamental para todos. Diante disso a constituição Federal de 1988 diz que.

Artigo 205 da Constituição Federal de 1988: " A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

Sendo assim a sociedade precisa compreender que todos têm o direito a educação, e uma educação pública, e de qualidade, e principalmente que respeite o tempo e o espaço dos estudantes através da rotina vivida pelos seus modos de vida. Neste contexto tem uma citação de Paulo Freire que nos dá a certeza da importância de compreender a educação como direito. Na justificativa da Pedagogia do Oprimido o autor indica:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se está, na "invasão da práxis", se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens (FREIRE, 1987, p. 24).

Por isso importante que possamos definir nossa realidade. Produzir nossa realidade. Dessa forma, ressaltamos a atuação da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – CONAQ - na luta por políticas públicas que atendem as comunidades quilombolas. Atualmente, a coordenação Nacional reúne 24 estados e, a partir do processo de identificação e visibilidade das comunidades quilombolas, atua com um universo de três mil e quinhentas comunidades 17 em todas as regiões do país.

As organizações, quilombolas nos estados, são constituídas de diferentes formas. Algumas estão organizadas enquanto associação ou federação, tal como o Rio de Janeiro, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, com personalidade jurídica. Em outros estados, essa organização está materializada em comissões, como em Pernambuco, Piauí, São Paulo e Pará.

A CONAQ lança o movimento quilombola no cenário nacional. A partir daí o movimento quilombola é reconhecido como um dos mais ativos agentes do movimento negro no Brasil contemporâneo e introduz um debate que busca fortalecer a perspectiva de que este tem em suas estruturas mais profundas uma grande pluralidade étnica. Neste sentido as comunidades quilombolas foram e estão ganhando cada vez mais força

para dar continuidade a luta para a garantia de direitos que a muito tempo lhes foram negadas.

No mesmo caminho, pensando em viver na comunidade, a entrevistada reflete sobre a identidade quilombola e a sua afirmação:

Para mim a oportunidade de viver em uma comunidade quilombola é gratificante. Ser quilombola é uma comunidade em que a gente tem que se honrar. A forma como a gente é e se a gente é quilombola tem que aceitar que é quilombola. É gratificante para nós. Aqui não tem muita comunidade quilombola e também tem muitas pessoas que não aceitam a questão da pessoa ser quilombola. Para mim é gratificante ser quilombola e morar na comunidade quilombola. (ENTREVISTA COM ANDORINHA, 2022).

O depoimento nos leva a refletir sobre a identidade quilombola. O ser quilombola nessa sociedade é motivo de orgulho, porém o racismo e a violência ainda levantam uma dificuldade de aceitação dessa identidade. Considerando a realidade na Comunidade do Renascimento dos Negros, ainda precisamos fazer um trabalho intenso de desconstrução e desmistificação para superar a imagem do racismo.

Sobre a realidade brasileira e o racismo, citamos que estamos em consonância com Munanga (2004), conceituando o racismo como uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade (raças –enquanto conceito sociológico) marcada por valores desiguais, classificados e hierarquizados nas dinâmicas psicológicas, morais, intelectuais e estéticas.

As comunidades remanescentes de quilombos são grupos que passaram a contar com um reconhecimento oficial de sua cultura e identidade, porém continuam em conflitos fundiários e nos remetem a um passado associado às lutas por suas terras. Território negro, mocambos, terras de preto, entre outras denominações, são acepções que buscam uma definição coerente com a realidade dessas comunidades e que ultrapassam a definição de quilombos históricos e descendência. A forma de se relacionar com a terra, a produção coletiva, as relações sociais comunais e a valorização positiva de traços culturais ressaltam a importância da categoria "território" a esses sujeitos impregnados de significações indenitárias.

Além disso, o estigma da invisibilidade, atribuído a um passado histórico em que era necessário esconder-se para continuar existindo diante de um sistema colonialista opressor, é questionado na atualidade, pois essas comunidades tiveram que se tornar visíveis para reivindicar seus direitos perante o Estado. Direito como a posse da terra, o que faz da luta pela garantia dos territórios a principal bandeira do movimento quilombola da atualidade. Assim, os remanescentes de quilombos têm enfrentado inúmeras questões perante a sociedade, e pressionando o Estado por espaços nas políticas públicas (MIRANDA, 2012).

O racismo está impregnado na sociedade e se tornou um assunto muito discutido no meio social, desde os primórdios do processo de escravização colonial do Brasil, o povo negro foi e vem sendo as pessoas que mais tiveram prejuízos nesse processo. É importante salientar que o negro foi quem mais contribuiu para a formação do Brasil, mas na imagem do racismo estrutural, ele apresenta-se como a imagem de maior inferioridade. Isso registra-se na falta de oportunidades como também na relação com a sociedade como todo, composta nessa lógica da imagem padrão da sociedade civilizada e bem sucedida a partir de pessoas brancas.

Assim, refletindo sobre o racismo e a relação com a comunidade quilombola apontamos a citação abaixo:

As visões do significado dos “quilombos” ou comunidades quilombolas continuam até hoje se confrontando. O fato é que o Estado ainda não foi capaz de solucionar, de forma mais eficiente, o déficit para com essas comunidades, ocasionado pela escravidão, omitindo, silenciando e escravizando os quilombos desde suas mais variadas formas de organização e ocupação territorial. Talvez tenha somado negativamente a visão de “resto”, “sobra” que está presente no texto constitucional, ainda acreditado por alguns. Quilombo como algo estático é o quilombo do imaginário, do resto, do que sobrou. Essa visão fortalece as formas de torná-los invisíveis e, com isso, aprofundar o desconhecimento, as contribuições para a formação do povo brasileiro que os quilombos tiveram e continuam tendo, principalmente no campo educacional e cultural (SILVA, 2022, p. 5).

Diante desse cenário observa-se a importância que se deve ter na preservação da cultura, modos de vida e a existência das comunidades quilombolas. Devido a essas atrocidades do racismo, que passa a imagem do povo negro como algo ruim, miserável, na comunidade de Renascimento dos Negros existe alguns casos de pessoas que tem dificuldade de aceitarem sua identidade como quilombolas, porque

o que está posto é o homem branco como o centro de tudo, e nesse sentido a pessoa sofre um tipo de rejeição que acaba mexendo muito na sua autoestima, fazendo com que ele fique cada vez mais excluída de tudo. Diante disso é preciso fazer um trabalho de formação política coletivo, o que não é nada fácil. Consideramos que esse cenário de negação é fruto do racismo e do sistema opressor que temos.

Ainda como desafios, a entrevistada relata

O principal desafio aqui acho que é manter a cultura, manter a cultura acho que é o principal desafio das comunidades quilombola. (ENTREVISTA COM DANDARA, 2022)

Sobre os desafios de viver em uma comunidade quilombola é o preconceito de muitos porque muitos tem preconceito com nois da comunidade. Não nós aqui, mais até com nois aqui também tem preconceito da nossa cor. (ENTREVISTA COM FELICIDADE, 2022).

Ao observar os depoimentos, passamos a refletir sobre a cultura e a importância da afirmação como quilombola. Como Dandara expressa na sua fala: *manter a cultura é um dos desafios das comunidades quilombola*, pois para que isso aconteça todos os sujeitos da comunidade precisam se envolver nessa causa aqui no quilombo. As principais culturas vividas pelos sujeitos são as festas juninas, festa de padroeiro, reisados, manifestações culturais que passam, mas que veem de outras comunidades vizinhas, alia-se a esse cenário a prática de capoeira, introduzida junto com a associação no intuito de fortalecer as que aqui existiam.

Ao pensar a importância da cultura e reconhecimento como quilombola, refletimos sobre as políticas públicas.

A crítica situação das políticas públicas para as comunidades quilombolas e para a população negra tem outros pontos que demandam atenção. Em estudo realizado pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), há um detalhamento de como nos últimos anos têm se agravado a situação das políticas de igualdade racial (Zigoni, 2020). De 2014 a 2019 houve um corte de 80% dos recursos destinados às políticas de igualdade racial. Em 2020, a situação se complexificou com a extinção do Programa 2034, intitulado Promoção da Igualdade Racial e Superação do Racismo, existente no Plano Plurianual (PPA) 2016-2019, mas não incorporado ao PPA 2020-2023. (SILVA e SOUZA, 2021, p.88)

Desse modo a importância da cultura é essencial para dar visibilidade ao povo quilombola e respeitar os seus direitos enquanto seres humanos que precisam de políticas públicas que contemplem esse público.

Retomamos a reflexão sobre racismo. O racismo é um assunto que ainda precisa ser discutido frequentemente principalmente na área da educação, pois até os dias atuais produz perversidade com as populações negras. O mito da democracia racial e as ideias de hierarquizar e classificar com base no racismo (MUNANGA, 2004) ainda é veiculado como forma de desmobilizar os povos pretos em busca por reconhecimento e reparação. Em nossa leitura, a Educação é a melhor saída para combater casos de dificuldades de pessoas se autodeclararem como quilombolas.

Crucial retomar a existência de documentos oficiais, fruto das lutas, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Estados e municípios também estão pautando suas políticas dessa ordem. Conquistas que precisam ser materializadas nas comunidades quilombolas.

Dentre as garantias das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, destacamos: a) *Garantir a elaboração de uma legislação específica para a educação quilombola, com a participação do movimento negro quilombola, assegurando o direito à preservação de suas manifestações culturais e à sustentabilidade de seu território tradicional.* Essa é uma provocação para pensar a superação do racismo e o fortalecimento da identidade quilombola na comunidade de Renascimento dos Negros.

Segundo Olindina Serafim Nascimento, em seu livro *O Caminho do Quilombo* (2020, p. 164), importante mapear e dar visibilidade a relevância da educação escolar quilombola, ouvindo os mais velhos, indo ao encontro das raízes africanas, partilhando com as crianças quilombolas a experiência acumulada, para avançar na execução de políticas educacionais de igualdade racial.

3.2 AGROECOLOGIA, TRABALHO E SOBERANIA ALIMENTAR.

Sobre o trabalho e soberania alimentar na comunidade, as entrevistas explicitam um histórico ancestral de trabalho com a terra. Em destaque a produção nos quintais, tanto para subsistência, quanto para pensar a saúde. Algumas falas avultam essas questões e seguem.

Segundo o caderno de conflitos no campo da Comissão Pastoral da Terra (CPT) – 2021, os números dos Relatórios dão conta de mostrar como o cenário político vem se traduzindo em agravamento da violência no campo. Entre 2011 e 2015, foram registrados 6.737 conflitos no campo, envolvendo mais de 3,5 milhões de pessoas. No período seguinte, de 2016 a 2021, esses números subiram a 10.384 conflitos, que atingiram 5,5 milhões de pessoas, confirmando que o impeachment de Dilma Rousseff teve também, por efeito, o aprofundamento de uma política antirreforma agrária, expropriatória e violenta nas áreas rurais do país.

A maior parte de violências por terra registrada em 2021 concentrou-se nas regiões Norte – com 488 conflitos – e Nordeste – com 376, seguidas por Sudeste, Centro-Oeste e Sul. O Estado do Pará apresenta 156 ocorrência de conflito. O segundo estado do país com mais conflitos registrados foi a Bahia, com 143 casos, envolvendo um total de 15.511 famílias. Esses dois estados comportam 23% do total de violências por terra em 2021. Segundo os dados do Caderno de Conflitos, as categorias que mais sofreram violência foram: indígenas (317 casos); quilombolas (210 casos) e posseiros (com 209 casos). Tais números, mais do que refletirem o avanço da violência contra áreas de destinação estabelecida e seus recursos naturais, demonstram que, hoje, a ofensiva no campo, compreendida não como uma sucessão aleatória de conflitos, mas como um processo dinâmico, coordenado, regido pela lógica dos interesses econômicos e fundiários da classe ruralista (CPT / CADERNO DE CONFLITOS NO CAMPO – BRASIL – 2021)².

Outro fator que merece destaque na discussão são os dados sobre a fome. Segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN), após a realização do Inquérito Nacional sobre

² Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/downlods?task=download.send&id=14271&catid=41&m=0>

Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, no fim de 2020, 19,1 milhões de brasileiros/as conviviam com a fome. Em 2022, são 33,1 milhões de pessoas sem ter o que comer. Registro da pesquisa “olhe para a fome”, indicam a realidade em média, considerando todas as regiões, 3 em cada 10 famílias relataram incerteza quanto ao acesso a alimentos em um futuro próximo e preocupação em relação à qualidade da alimentação no futuro imediato. As formas mais severas de insegurança alimentar (moderada ou grave) atingem fatias maiores da população nas regiões norte (45,2%) e nordeste (38,4%).³

Nesse cenário de desafios, envolvendo conflitos territoriais e a realidade da fome, crucial pesquisar a realidade local de trabalho e soberania alimentar. Assim, quando perguntadas sobre os desafios de viver na Comunidade de Renascimento dos Negros, destacamos as falas a seguir:

Hoje em dia as coisas estão muito difíceis porque essa questão de chuva está muito pouca. Antigamente o pessoal falava que era muito bom, mas a dificuldade está imensa porque é pouca chuva. (CARDEAL)

Dessa forma a ação do homem com a natureza através do desmatamento e da desertificação do solo tem trazido serias consequências para o meio ambiente. De acordo com Smith (2010, p. 55) A relações entre economia, sociedade e meio ambiente adquiriram centralidade no debate internacional sobre mudanças climáticas. O segundo relatório de avaliação do painel Intergovernamental de Mudanças climáticas mostrou-se suficientemente contundente ao afirmar que uma parcela considerável do aumento observado na temperatura média global desde meados do século XX provem de uma elevação da concentração de gases de efeito estufa na atmosfera do planeta, de origem antropogênica (IPCC, 2007, p.72). Em nossa comunidade, o avanço do agronegócio, representado pela monocultura e práticas de utilização de agrotóxicos, aceleram e ampliam essa questão.

As entrevistas ainda destacam:

Por ser uma comunidade quilombola eu acredito que a gente deveria ter mais oportunidades, onde deveria ter mais projetos,

³ Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/>

já teve projetos muito produtivos, mas assim, eu acho que deveria ter mais projetos, possa ser que venha projetos, mas não estão sendo realizados (ENTREVISTA COM ANDORINHA, 2022).

A comunidade precisa muito de um agente de saúde que a uns oito anos não existe. É precário aqui para a gente ter acesso a uma ficha no posto de saúde, porque a gente precisa sair daqui para ir marcar, para ainda depois ser atendida entendeu e se tivesse um agente de saúde seria mais fácil porque ela já fazia esse trabalho ai ficaria mais fácil eu acho precário isso ai. E o lazer também para as crianças que não existe os meninos sai daqui para ir para outra comunidade brincar no parquinho não existe também um ponto cultural com direito a tudo sabe cinema, videogame na verdade existe, mas não está funcionando. (ENTREVISTA COM DANDARA, 2022).

Um dos principais desafios de viver em uma comunidade quilombola é. eu acho que a comunidade por ter muitas crianças e muitos moradores deve ter um objetivo de trazer para a comunidade creche, escola por ter muitas crianças e muitos moradores deveria trazer uma creche escola essas coisas, grupos de esporte onde as crianças possam desenvolver outras atividades e também pode gerar emprego para os moradores. (ENTREVISTA COM ANDORINHA, 2022).

Aqui refletimos sobre a questão agrária no território. Sobre a questão da água na comunidade quilombola Renascimento dos Negros, o acesso a água encanada atenua a situação para uso domiciliar. No município de Iraquara há várias comunidades que usam a técnica da perfuração de poços artesianos com o intuito de melhorar a agricultura familiar do mesmo, mas essas técnicas são usadas por pessoas que tem uma condição de vida mais favorável a outros. Neste sentido o que essas pessoas plantam são: tomate, cebola, pimentão, e não fazem uma diversificação de produtos da agricultura familiar local.

Esses produtos que são plantados, precisam de uma atenção especial para segurar as figas dos frutos, é a partir daí que os produtores começam a optarem pelo uso do agrotóxico, não usam equipamentos de proteção individual (EPI), prejudicando a própria saúde e também a da comunidade. A questão climática influencia na dimensão do trabalho, por conta da seca, muitas famílias da comunidade, principalmente as

mulheres, vão trabalhar no regime de diárias na plantação e na colheita desses produtos, com o objetivo de possuir uma renda para manter o sustento da família.

Esse público tem consciência das consequências que esse trabalho traz para a saúde, mas sabem também que essa é a única alternativa para conseguir o aumento da sua renda porque o que produzem no quintal de casa muitas das vezes não é suficiente para a sobrevivência dos mesmos.

Com isso de acordo com Tavares, Costa e Fagundes (2016, p. 41) no início do século XX, principalmente a partir da revolução industrial, a introdução e substituição de espécies e variedades tornou-se mais veloz produzindo modificações na paisagem agrícola, produtos e formas de consumo. Nos anos 1950, a “revolução verde”, baseada em práticas mecânicas, uso de variedades de alto rendimento e de insumos químicos, transformou as relações entre homem e natureza. A “revolução verde” foi a responsável pela perda de grande parte da diversidade e variabilidade das plantas cultivadas, em função da transformação de agroecossistema em monocultivos de variedades de estreita base genética. A ideia de produzir mais alimentos para acabar com a fome do mundo, é um mero discurso de quem está interessado apenas em acumular riquezas e explorar os bens naturais de países como o Brasil, rico em biodiversidade e clima favoráveis para a produção agrícola.

Neste sentido alertamos que o Brasil é o segundo maior produtor de cultivos transgênicos no mundo, pois na safra 2014/2015 foram cultivados aproximadamente 42,2 milhões de hectares com soja, milho e algodão. Geneticamente modificados. A soja transgênica é a campeã no ranking, ela ocupou 29,1 milhões de hectares, 93,2% da área plantada com soja no Brasil. O milho ocupa a segunda posição no ranking de organismos geneticamente modificados, com 12,5 milhões de hectares cultivados, com 82% da área cultivada com este cereal (TAVARES, COSTA e FAGUNDES, 2016).

Diante do que foi escrito em concordância com as autoras, olhando para dentro da Comunidade de Renascimento dos Negros, a mesma tem um poço artesiano que abastece alguns reservatórios para a produção no viés agroecológico e futuramente servira como geração de renda para os beneficiários bem como para aqueles que não são. E com isso as pessoas poderão plantar em seus espaços as culturas diversificadas que estão acostumados a plantar.

Além de projetos para a agricultura familiar a comunidade se encontra em uma situação inaceitável pelo poder público, porém a mesma tem aproximadamente oito anos de ausência de um agente comunitário de saúde para melhorar o acesso a saúde da população quilombola do Quilombo Renascimento dos Negros. Diante desse fato a Constituição Federal de 1988⁴ diz que:

Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

Considerando a saúde como direito, é preciso criar estratégias para resolver esse problema que afeta diretamente as famílias da comunidade para que esse direito seja realmente acessado do jeito que deve ser. Segundo Arruti, Cruz, Perreira e Sartori (2022, p.34-35), no livro Panorama Quilombola, ao problematizar a Pesquisa Avaliação da Situação de Segurança Alimentar e Nutricional em Comunidades Quilombolas Tituladas (Fundação Euclides da Cunha de Apoio Institucional à Universidade Federal Fluminense; Núcleo de Pesquisas Sociais Aplicadas, Informações e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense, 2013; e Pinto et al, 2014), realizada ao longo do ano de 2011, visitou as 169 comunidades quilombolas tituladas até 2009, com os objetivos de traçar o perfil nutricional das crianças quilombolas, caracterizar o acesso das suas famílias às políticas públicas e o perfil socioeconômico das suas comunidades. O perfil oferecido pela pesquisa destaca a situação de vulnerabilidade dessas comunidades, cujas causas estariam relacionadas ao isolamento geográfico e social das comunidades quilombolas, agravado pela baixa integração dos territórios quilombolas aos outros espaços municipais nos quais se organiza a oferta de bens e serviços públicos. Uma situação sobre a qual incide ainda a violência decorrente dos conflitos persistentes em torno dos seus territórios e do racismo que marca suas relações com as autoridades locais e municipais.

No campo da saúde, conforme a pesquisa, “mesmo o atendimento básico estava longe de ser universal”, com a presença de agentes comunitários de saúde em apenas 85% das comunidades pesquisadas e a assistência de equipes da estratégia de saúde

⁴ Referência: www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_06.06.2017/art_196_.asp acessado em 05-11-2022.

da família em apenas 28,6% delas. Somente 14,7% possuíam unidades básicas de saúde instaladas em seus territórios. Com relação ao acesso à infraestrutura de água e esgoto, enquanto 52% das comunidades quilombolas tinham acesso à água encanada, somente 5% contavam com esgotamento sanitário e 9,9% com coleta de lixo. O fornecimento de energia elétrica alcançava 87,6% das comunidades pesquisadas (ARRUTI, CRUZ, PERREIRA e SARTORI, 2022),

Em outra esfera relatamos os fragmentos de entrevista abaixo:

Resido 62 anos na comunidade porque eu nunca saí daqui para lugar nenhum. A relação dos meus pais com a comunidade foi muito boa trabalhavam na roça, plantavam milho mamona, feijão, mandioca e para plantar cavacava a terra e nós jogava os grãos dentro e jogava a terra com o pé (ENTREVISTA COM FELICIDADE, 2022).

A relação da minha família é muito boa. Todo mundo daqui é parente com parente pode dizer. Meus pais eles trabalhavam na lavoura plantavam feijão milho mamona mandioca também, plantavam de acordo com a época da chuva, esperavam as chuvas, preparavam o solo para poder fazer a plantação, pra ter algum lucro. (ENTREVISTA COM DANDARA, 2022)

Os depoimentos nos fazem refletir sobre as experiências encentrais do modo de vida quilombola e da agricultura familiar. Segundo relato de entrevistados, os modos de vida quilombola em Renascimento dos Negros baseava-se inicialmente em *plantações de cana e a produção de rapadura*, essas mercadorias fizeram parte da produção da comunidade na comercialização e com o excedente havia um sistema de troca das mercadorias por feijão e outros produtos advindos da agricultura familiar em outras comunidades.

Atualmente a agricultura familiar é composta pelo plantio de feijão, milho, mamona, mandioca, e de frutas e hortaliças que são produzidos nos quintais. Segundo Neves, o termo *agricultura familiar* corresponde a múltiplas conotações, apresenta-se como categoria analítica, segundo significados construídos no campo acadêmico; como categoria de designação politicamente diferenciadora da agricultura patronal e da agricultura camponesa; como termo de mobilização política referenciado da construção de diferenciadas e institucionalizadas adesões a espaços políticos de expressão de interesses legitimados por essa mesma divisão classificatória do setor

agropecuário brasileiro (agricultura familiar, agricultura patronal, agricultura camponesa); como termo jurídico que define a amplitude e os limites da afiliação de produtores (agricultores familiares) a serem alcançados pela categorização oficial de usuários reais ou potenciais do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) (decreto no 1.946, de 28 de junho de 1996).

Em contraponto a realidade de trabalho na agricultura familiar da comunidade, outros fatores também são destacados:

A realidade de trabalho na comunidade eu acho que é boa. Eu vejo que se conciliar o pouco que eu recebo d o governo com o pouquinho que eu trabalho dá para me manter [...] Os principais desafios, é um pouco precário assim porque a diária deveria ser um pouco mais sabe o pessoal deveria reconhecer mais o trabalho da gente, que é sofrido, e eu acho que sobre o trabalho a gente acomodou demais achar que só precisa ficar só na roça, e achar que não tem capacidade de trabalhar assim num local com o público sabe [...] em um outro tipo de trabalho, como mexer com o público em geral ainda mais que aqui tem muito ponto turístico ponto na cidade no caso ne não é nem no povoado. (ENTREVISTA COM DANDARA, 2022)

Pelo que eu vejo as pessoas conseguem se manter mais com a roça mesmo é poucos que dependem de emprego do governo. Eu tenho o costume de plantar um pouquinho na roça, plantar um pouquinho de horta essas coisas e como eu também trabalho com uma barraquinha na feira, ajuda bastante pego umas coisinhas de fora também para vender e isso me ajuda muito ai com as coisinhas da roca, que produz e as que pego para complementar dá para ir mantendo (ENTREVISTA COM CARDEAL, 2022).

A importância de pensar em políticas de estado, turismo e comércio local são mencionados nas entrevistas. Como já dito anteriormente Iraquara hoje é reconhecida como a capital brasileira de grutas e as também por possuir vários pontos turísticos que recebe pessoas do mundo todo, com isso muitas pessoas trabalham com essa questão. Mas também tem uma grande concentração de poços artesianos que são voltados para fortalecer a agricultura local, porem essa agricultura é voltada para o modelo convencional.

Diante dessas muitas famílias da comunidade renascimento dos negros trabalham nessas praticas através do plantio de mudas e na colheita desses produtos. As

mesmas ganham uma diária de aproximadamente cinquenta reais, e algumas vezes acontece de irem trabalhar essa diária em outros municípios, com o objetivo de fortalecer a renda e manter as suas famílias.

Como fonte de renda as entrevistas apontam:

Minha fonte de renda é da lavoura mesmo e da agricultura, desde novinho fui criado na roça eu gosto de mais da roça, não tenho vontade de ir morar na cidade não, quando eu era mais novo já plantei muito café, mandioca, hoje em dia planto mamona, milho, um pouquinho de feijão (ENTREVISTA COM CARDEAL, 2022).

A minha principal fonte de renda é [um programa do governo] e alguma ajudinha da roça. As vezes fora a roça sequeira aqui eu trabalho a diária da roça de tomate, ou pimentão e as vezes quando é pimentão é limpar o mato do pimentão, disoiar o tomate na colheita, mas geralmente agora eu to mais é colhendo pimentão, aí a diária da gente varia de cinquenta reais o dia. (ENTREVISTA COM DANDARA, 2022)

A principal fonte de renda é de programas do governo e mais algumas coisas que a gente faz igual de vez em quando eu vendo uma cocadinha, uma coxinha alguma coisa (ENTREVISTA COM ANDORINHA 2022).

Nossa intenção também é pensar em princípios agroecológicos na comunidade.

Caporal e Costabeber (2019, p. 251) anunciam que:

A Agroecologia proporciona as bases científicas e metodológicas para a promoção de estilos de agriculturas sustentáveis, tendo como um de seus eixos centrais a necessidade de produção de alimentos em quantidades adequadas e de elevada qualidade biológica, para toda a sociedade. Apesar de seu vínculo mais estreito com aspectos técnico-agronômicos (tem sua origem na agricultura, enquanto atividade produtiva), essa ciência se nutre de diversas disciplinas e avança para esferas mais amplas de análise, justamente por possuir uma base epistemológica que reconhece a existência de uma relação estrutural de interdependência entre o sistema social e o sistema ecológico (a cultura dos homens em coevolução com o meio ambiente).

O modo de vida ancestral quilombola é pautado por essa relação estrutural entre sistema social e o sistema ecológico anterior a sistematização científica e discursiva

da experiência. Os povos e comunidade quilombolas e indígenas são as expressões vivas da agroecologia.

As comunidades tradicionais têm a sua forma de praticar da agricultura de acordo com os seus modos de vida em que os mesmos estão inseridos através da cultura e de seus saberes que foram e são passados de geração em geração.

Em acordo com Olindina Nascimento (2020, p. 67), a relação das comunidades tradicionais com a natureza demonstra a sua percepção da importância que dão a ela e, para a sobrevivência dessas comunidades por meio do uso coletivo da terra, da água, das florestas, da extração e plantio, desenvolvidos no contexto sociocultural e tendo como base a solidariedade e partilha existente entre as comunidades.

Sobre essa experiência e modos de vida, indicamos a fala abaixo:

Em relação a agricultura sim acho que mexer com roça, com plantação, que na época da chuva a gente prepara a roça tudo para fazer o plantio. Aqui no meu quintal eu planto cana, banana alguns remédios eu gosto também. Eu não perco uma água de pia, a agricultura é boa, o pessoal que planta gosta de fazer suas roças quando ta na época da chuva, agora mesmo é tempo, e a alimentação eu acho que é boa, graças a deus por mais que a gente passa um aperto no final do mês que não tem jeito, mas dizer assim que a gente tem aquela necessidade drástica não tem. (ENTREVISTA COM DANDARA, 2022)

Eu acho que é muito boa porque pelo menos a gente já passou muita fome mais hoje o alimento nois tem não tão bom mais nois tem. Sobre a realidade de trabalho o povo aqui trabalha só na roça sequeira, mas só que agora já ta começando os poços aí agora ninguém sabe se vai em frente, agora mesmo já bate um pouco de feijão, aqui também já plantou um pouco ali também (ENTREVISTA COM FELICIDADE, 2022).

Desde os meus quinze anos de idade eu acho a comunidade boa a minha família é linda e maravilhosa em relação a família eles sempre moraram aqui e se davam bem com todo mundo eles trabalhavam na roça e plantavam milho feijão mamona na época da chuva preparava a terra e plantava. (ENTREVISTA COM BESOURO, 2022)

Sobre a agricultura é boa, a alimentação é boa saudável ne porque quando a gente tem o quintal da gente e a roça da gente,

a gente pode plantar ali orgânico, sem precisar de utilizar veneno para outras pessoas um produto de qualidade (ENTREVISTA COM ANDORINHA, 2022).

Aqui, após os depoimentos, importantes diferenciar algumas questões. Em nossa leitura, a produção orgânica é um modelo que precisa de um reconhecimento, esse reconhecimento é feito por organizações com o intuito de se expandir o produto para melhorar a saúde o bem-estar da população, mas a alcunha de *orgânico* surge como uma necessidade de mercado. Os quintais das famílias da comunidade, serve também como ponto de produção para consumo próprio das famílias.

Figuras 6 e 7: Produção do chuchu e andu em quintais na Comunidade de Renascimento dos Negros



Fonte: Acervo pessoal de Eliete Alves 2022.

Em outra esfera de produção, o agronegócio é um projeto de morte que visa uma produção em grande escala, através do uso abusivo de agrotóxicos, sem a preocupação com a saúde e o bem-estar das pessoas. Com isso essa forma de produção visa cada vez mais o lucro e a exploração.

Assim, algumas famílias da comunidade, por necessidade, também trabalham no plantio e colheita na perspectiva do capital, com tomate, repolho, pimentão e cebola. A imagem abaixo, mostra como exemplo, uma das produções voltada para o modelo convencional, que vem sendo executada pelos moradores da comunidade em propriedades de terceiros.

Figura 8: Plantio de cebola no modelo convencional



Fonte: Acervo pessoal de Eliete Alves 2022.

Nossa defesa da produção *agroecológica* está ligada a esse conceito como movimento, ciência e prática. A proposta está interligada com os modos de vida dos sujeitos da comunidade os quais estão acostumados a plantar os seus produtos sem precisar usar agroquímicos. Dito isso observaremos na imagem a seguir, o plantio e colheita do milho, produzido agroecologicamente por um produtor do campo.

Figura 9 e 10: Plantio do milho na roça sequeira e colheita do milho



Fonte: Acervo pessoal de Eliete Alves 2022.

Ainda reforçando esse olhar sobre a agroecologia, segundo Altieri (2012 p. 16), a agroecologia se fundamenta em um conjunto de conhecimentos e técnicas que se

desenvolvem a partir dos agricultores e de seus processos de experimentação. Por essa razão, enfatiza a capacidade das comunidades locais para experimentar, avaliar e expandir seu poder de inovação por meio da pesquisa de agricultor a agricultor e utilizando ferramentas de extensão baseadas em relações mais horizontais entre os atores. Seu enfoque tecnológico está enraizado na diversidade, na sinergia, na reciclagem e na integração, assim como em processos sociais baseados na participação da comunidade.

Para a agroecologia, o desenvolvimento dos recursos humanos é a pedra angular de qualquer estratégia voltada para ampliar o leque de opções da população rural e, especialmente dos camponeses que dispõem de poucos recursos. Também atende às necessidades alimentares a partir do fomento à autossuficiência, promovendo a produção de grãos e outros alimentos nas comunidades (ALTIERI, 2012).

Neste sentido percebe-se que as comunidades quilombolas vivem das suas culturas que foram passadas de geração em geração, e com os seus modos de produção através da produção agroecológica sem uso de agrotóxicos e que não agredem a natureza na qual os mesmos estão inseridos e com isso conseguem manter uma alimentação baseada nos recursos produzidos por eles mesmo.

Para concluir, concordamos com a ideia de que a agroecologia é um projeto societário e popular (GUHUR e SILVA, 2021). Projeto afirmado na luta política, dos territórios, até o âmbito nacional e internacional, na busca por superar as contradições impostas pela estrutura capitalista, patriarcal, racista e de todas as formas de desigualdades que geram exclusão.

4. CONSIDERAÇÕES

A investigação teve como o objetivo analisar narrativas sobre os modos de vida e agroecologia em famílias camponesas da comunidade Quilombola Renascimento dos Negros no município de Iraquara – Bahia. Nesse processo problematizamos o cotidiano de trabalho, desenvolvimento e a relação dos modos de vida existentes com a dinâmica agroecológica.

Como metodologia utilizou-se de abordagem qualitativa, como instrumento de produção de dados a revisão de literatura e entrevistas com pessoas da comunidade. Dois eixos orientaram as entrevistas (1) modos de vida e existência quilombola e (2) agroecologia, trabalho e soberania alimentar.

Como principais “achados” destacamos a partir das entrevistas: No eixo (1) modos de vida e existência quilombola: a) Enfatizamos a importância de refletir sobre as experiências de organização coletiva advindas dos modos de vida quilombola (destaque a associações, articulações estaduais e nacionais, espaços coletivos que lutam por direitos); b) Crucial criar estratégias de valorização da identidade quilombola para fortalecer a comunidade; c) Investir na luta contra o racismo e nesse caminho fortalecer as experiências com a educação escolar quilombola, para garantir espaços de reconhecimento da nossa cultura;

No eixo (2) agroecologia, trabalho e soberania alimentar apontamos: a) A importância de refletir sobre questões agrárias envolvendo meio ambiente, clima e como essas dimensões implicam na produção (fonte de renda) da comunidade de Renascimento dos Negros, desde as formas de plantio, oportunidades de trabalho e saúde da comunidade; b) Afirmar a herança agroecológica dos povos tradicionais (indígenas e quilombolas) como uma expressão de nossos modos de vida e trabalho junto a natureza, superando modelos convencionais de exploração (capitalista, patriarcal, racista) e as formas de desigualdades que geram exclusão..

Importante destacar a trajetória com desafios da investigação, dificuldades. Nesse sentido, durante a construção de todo esse processo, passei por muitas dificuldades,

e a pandemia por COVID – 19 nos desestabilizou durante dois anos, isso fez com que eu pensasse por diversas vezes em desistir. Mas com o apoio dos colegas, amigos, e família conclui essa etapa.

Ainda como projetos futuros, penso em ampliar estudos sobre a agroecologia dentro da comunidade. Ficou evidente que os sujeitos estão buscando formas de contrapor cada vez mais o modelo de produção convencional, dando foco na plantação de diversas culturas que são plantadas pelos mais antigos. Também ficam as questões da necessidade de ampliar a nossa afirmação como comunidade quilombola. Pretendemos aprofundar essa questão com o objetivo de fazer um trabalho de desmistificação e de reafirmação com os sujeitos, combatendo o racismo, valorizando e reconhecendo nossa cultura.

5. REFERÊNCIAS

- ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. Editora Expressão Popular. São Paulo, 2012.
- ARAÚJO, G. A. S. O capitalismo e a apropriação da natureza: usos, consequências e resistências. GEOUSP – Espaço e Tempo (Online), v. 23, n. 1, p. 112-123, abr. 2019.
- ARROYO, Miguel G. Políticas de formação de educadores(as) do campo. Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007.
- ARRUTI, J. M. Políticas públicas para quilombos: terra, saúde e educação, in Caminhos convergentes - estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil. Organizado por Marilene de Paula e Rosana Heringer, pp. 75-110. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Henrich Boll, Action Aid. 2009.
- ARRUTI, J. M. Quilombos. In: Raça: Perspectivas Antropológicas. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008.
- ARRUTI, José Mauricio. CRUZ, Cassius Marcelus. PERREIRA, Alexander. SARTORI, Juliana. O impacto da Covid-19 sobre as comunidades quilombolas. In: Panorama Quilombola / José Maurício Arruti (editor); Amanda Jorge... [et al.] – Campinas, SP: UNICAMP / BCCL, 2022.
- BRAGA, Gustavo Bastos, FIÚZA, Ana Louise Carvalho e REMOALDO, Paula Cristina Almeida. O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões. Sociologias [online]. v. 19, n. 45, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/15174522-019004521>
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação popular. Brasiliense, 2006.
- BRASIL. Educação do Campo: marcos normativos. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão SECADI, 2012.
- BRASIL: Constituição Federal da República do Brasil de 1988. Brasília, 1988.
- BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Resolução CNE/CEB Nº 1, de 3 de abril de 2002.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI. Educação do Campo: marcos normativos. Brasília: SECADI, 2012.
- BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 de nov. 2012.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. Trab. educ. Saúde vol.7 n. 1, Rio de Janeiro. mar./jun. 2009. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462009000100003> .

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. In: CALDART, Roseli; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco; COSTABEBER, José. Agroecologia: conceitos e princípios para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis. In: Questão agrária, cooperação e agroecologia / Henrique Tahan Novaes, Angelo Diogo Mazin e Lais Santos (organizadores) 3ª Edição - Marília: Lutas Anticapital, 2019.

DUARTE Rosália pesquisa qualitativa: reflexões sobre trabalho de campo, caderno de pesquisa (115) mar 2002. Disponível em <https://.doi.org/10.1590/s0100-15742002000100005> HYPERLINK acesso em 24/09/2022

FERNANDES, Bernardo Mançano. Os campos da Pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais. In: Molina, Mônica Castagna (org.). Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

FERNANDES, Bernardo M.; MOLINA, Mônica C.. O campo da Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica C.; JESUS, Sônia M. S. Azevedo de. (orgs.). Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. Brasília: Articulação Nacional "Por Uma Educação do Campo, 2004.

FERREIRA, Simone Raquel Batista. Quilombolas. In: CALDART, Roseli Salete. et all (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUHUR, D. e SILVA, N. R. da. Agroecologia. In: Dicionário de Agroecologia e Educação. (Org.) Alexandre Pessoa Dias [et al...]. 1 ed. São Paulo. Expressão Popular, 2021.

IBGE. Município de Iraquara, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/iraquara>

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos da metodologia científica. 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

LUNAS, Alessandra da Costa, ROCHA, Eliene Novaes. Histórico de luta do MSTTR pela construção de políticas públicas de educação do campo. In: Práticas Pedagógicas e formação de educadores (as) do campo: caderno pedagógico da educação do campo / 2ª ed. Brasília: Dupligráfica, 2010.

MANZINI, Eduardo. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos de roteiros. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf, acessado em 29 de setembro de 2022.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Anais -3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB. Rio de Janeiro, 2004.

NASCIMENTO Olindina Serafim, e FONTINATO Maria Cecília, Práticas docente quilombola e os impactos da pandemia na educação. Revista De Educação Do Vale Do Arinos - RELVA, 8 (1), 78 – 100.2021.

NASCIMENTO Olindina Serafim. O Caminho do Quilombo: Histórias não contadas na educação escolar quilombola: Território do Sapê do Norte – ES. 1 ed. Editora Appris, Curitiba, 2020.

SANTOS, Tiago Rodrigues. Entre terras e territórios: Luta na/pela terra, dinâmica e (re)configurações territoriais em Bom Jesus da Lapa (BA). Tese de Doutorado Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2017.

SCHIMITT, Cláudia Job. Economia solidária e agroecologia: convergências e desafios na construção de modos de vida sustentáveis. IPEA, 2010.

SILVA, Gilvânia Maria da. Educação e identidade quilombola: outras abordagens possíveis. Disponível em: <https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wpcontent/uploads/sites/61/2018/05/Giv%c3%a2nia-Maria-da-Silva.pdf> . Acesso em: 26/07/2021.

SILVA Gilvânia, Maria, SOUZA Barbara Oliveira. Quilombo e a luta contra o Racismo no contexto da Pandemia. Boletim de Análise Político-Institucional | n. 26 | Mar. 2021.

TAVARES Joselita, COSTA, Josineide, FAGUNDES, Marli. Diversidade Produtiva das Mulheres do MPA. Diversidade Produtivas das Mulheres do MPA. 1ª Edição. Editora Expressão Popular. 2016.

APÊNDICES

A – ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

B – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do trabalho: MODOS DE VIDA E AGROECOLOGIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA RENASCIMENTO DOS NEGROS NO MUNICÍPIO DE IRAQUARA – BAHIA

Pesquisadores responsáveis:

Graduanda: Eliete de Jesus Alves

Prof. Carlos Adriano da Silva Oliveira (Orientador).

DADOS DE CARACTERIZAÇÃO DE PARTICIPANTES

1) SEXO: MASCULINO () FEMININO ()

2) ANO DE NASCIMENTO: _____

3) VOCÊ SE CONSIDERA (autodeclaração):

AMARELA/O

BRANCO/A

INDÍGENA

NEGRO/A

PARDO/A

OUTROS/AS Se a resposta for “outros/as” definir a cor: _____

4) QUANTO TEMPO RESIDE NA COMUNIDADE DE RENASCIMENTO DOS NEGROS? _____

5) QUAL A SUA PROFISSÃO? QUANTO TEMPO EXERCE ESSA FUNÇÃO?

QUESTÕES DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Atestamos que as informações/dados produzidos na presente entrevista serão utilizados para fins acadêmicos/científicos e a identidade dos participantes da pesquisa não será divulgada.

Permissão para gravar/ Solicitar que desliguem e/ou silencie o celular.

Apresentação dos pesquisadores e objetivo da entrevista: A metodologia consiste em uma abordagem qualitativa utilizando entrevista semiestruturada tendo com objetivo refletir sobre os modos de vida e agroecologia em famílias camponesas da comunidade Quilombola Renascimento dos Negros no município de Iraquara – Bahia.

Desde já agradecemos.

QUESTÕES

1. Fale um pouco sobre você? (Nome, quanto tempo reside na Comunidade? O que acha da Comunidade?)
2. Fale um pouco sobre sua família? (Qual a relação de seus pais e avós com a comunidade?) Em que trabalhavam? O que plantavam? Como plantavam?
3. Como você descreve a oportunidade de viver em uma comunidade quilombola? Favor comente.
4. O que considera como principal ponto positivo na comunidade?
5. Se tivesse que destacar o principal desafio de viver na comunidade, qual seria? Favor comente
6. Qual a sua principal fonte de renda? Fale um pouco sobre seu trabalho/profissão. Você exerce alguma atividade que tenha relação com a agricultura? Comente.
7. Em sua opinião, o que destacaria sobre a agricultura e a alimentação na comunidade?
8. Como descreveria a realidade de trabalho na comunidade? Favor comente.
9. Em sua opinião, ainda sobre o trabalho: Quais os pontos positivos e os principais desafios?
10. Gostaria de comentar algo que não estava em destaque em nossa conversa?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do trabalho: MODOS DE VIDA E AGROECOLOGIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA RENASCIMENTO DOS NEGROS NO MUNICÍPIO DE IRAQUARA – BAHIA

Pesquisadores responsáveis:

Graduanda: Eliete de Jesus Alves

Prof. Carlos Adriano da Silva Oliveira (Orientador).

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa de abordagem qualitativa que tem como objetivo refletir sobre os modos de vida e agroecologia em famílias camponesas da comunidade Quilombola Renascimento dos Negros no município de Iraquara – Bahia.

Tal ação baseia-se na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta resolução, a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde apontando diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Caso concorde em participar da pesquisa, lhe é assegurado sigilo e anonimato das informações e em caso de eventual constrangimento, ou não se sinta suficientemente esclarecido, lhe é facultado retirar o consentimento, sem nenhum prejuízo. Da parte

dos pesquisadores fica ainda assegurado ao participante que não haverá qualquer ônus; os dados produzidos serão utilizados para fins estritamente acadêmicos, ficando sob a responsabilidade da equipe de pesquisa. Após ser esclarecido (a) nós abaixo assinamos:

Amargosa – Bahia, _____ / _____ / 2022

Assinatura da pesquisadora responsável

Nome (participante):

Assinatura do (a) participante